HISTÓRIA CULTURAL E ALGUMAS REFLEXÕES: A IMPRENSA GAY COMO FONTE E OBJETO HISTÓRICO

Victor Hugo S. G. Mariusso[*]
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

O objetivo por meio deste trabalho é apresentar alguns textos relacionados à história cultural e que foram disponibilizados para as discussões da disciplina, no intuito de perceber quais as contribuições que esses autores trazem para a minha pesquisa de mestrado. Para isso, apresentarei três autores e seus respectivos textos de forma sucinta, para em seguida apresentar minha pesquisa e depois intercalar algumas questões/pensamentos desses autores. Para além, a discussão contribui para o diálogo entre a História Cultural e os campos da Sexualidade e da Imprensa, não só como objeto da História, mas como campos a serem explorados nessa imensidão de probabilidades de estudos relacionados às ações humanas. Desta forma dialogarei com Roger Chartier, Raymond Williams e Stuart Hall, para compreender suas contribuições para estudos ligados à imprensa como fonte histórica, além da abordagem de questões ligadas às subjetividades.

Palavras-Chave: História Cultural, Imprensa gay, Representações, Sexualidade, Homossexualidade.

ABSTRACT

The through this work is to present some texts related to the history and culture that have been made available to the discussions of the subject in order to perceive the contributions that these authors bring to my master's research. For this, I will present three authors and their texts succinctly, then present my research and then merge some questions / thoughts of these authors. In addition, the discussion contributes to the dialogue between the fields and Cultural History of Sexuality and the Press, not as objects of history, but as fields to be explored in this immensity of probabilities of studies related human actions. Thus the dialogue will be done with Roger Chartier, Raymond Williams and Stuart Hall, to understand their contributions to studies related to the press as a historical source, in addition to addressing issues related subjectivities.

Keywords: Cultural History, Gay Press, Representation, Sexuality, Homossexuality

[*] Graduado em Turismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAQ e Mestrando em História Social (Linha História e Cultura) pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia – PPGHIS/UFU. E-mail: vmariusso@hotmail.com.

Dos autores e seus textos

O livro de Roger Chartier (CHARTIER, 2002) aqui referenciado traz algumas reflexões a respeito do trabalho do historiador e da história como disciplina, levantando algumas questões a respeito de uma possível perda do sentido da história, de uma falésia, fruto de uma possível crise na história e entre os historiadores. Por outro lado apresenta questões um tanto quanto, no sentido de ter essa crise criado a possibilidade de novos pensamentos e modos de fazer história, e no caso nesse texto, o conceito clássico de representação, como uma realidade pensada, dada, constituída, capaz de produzir um sentido de realidade ao sujeito, distanciando-se assim das abordagens ditas positivistas, elitista, etc., passando agora para os estudos daquilo que nem sempre se vê, mas que está inserido na sociedade por meio dos discursos e práticas, de forma a produzirem esse sentido de realidade.

Assim o livro demarca, por meio de uma série de reflexões historiográficas e metodológicas, os deslocamentos que transformaram os modos de pensar e de escrever a história nestes últimos 20 anos. Noções que sustentam a reflexão das ciências humanas e sociais nos últimos anos: discurso, prática, representação. As relações que a história manteve e mantém com várias disciplinas que são suas vizinhas. A compreensão de como os historiadores preferiram certos corporativismos e, consequentemente, negligenciaram as propostas ou as questões vindas de outros horizontes. Acompanhando a história dessas alianças e ignorâncias, o objetivo é duplo: "retornar às escolhas que marcaram duradouramente a prática da história na França, mas mostrar igualmente (a partir do exemplo dos laços entre crítica textual e história cultural) que se inventam hoje em dia novos espaços intelectuais" (IDEM, IBIDEM, p. 18).

Devido a minha pesquisa ter como objetivo analisar representações sobre a diversidade na mídia impressa gay no Brasil abordarei principalmente as questões ligadas ao conceito de representação e os novos objetos/métodos de análise de documentos na historiografia, diálogo possível devido os objetivos da história cultural, assim:

> Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um "ser-percebido" constitutivo de sua identidade (idem, ibidem, p. 73).

O texto de Raymond Williams (WILLIAMS, 1979 e 1989)[1] vem a somar nas discussões, pois possibilita uma contribuição não só ligada a metodologia do meu trabalho, no que diz respeito à análise de fontes midiáticas, como também ao grupo no qual meus estudos também estão inseridos, no caso os homossexuais, quando vem destacar os conceitos de *cultura hegemônica, residual* e *estrutura de sentimento*. Destarte, em relação aos capítulos escolhidos do seu livro, irei destacar alguns conceitos que o autor nos traz e que contribuem para a discussão aqui proposta. Assim sendo, no capítulo 6 intitulado *Hegemonia,* Raymond Williams vem destacar o conceito emprestado de Gramsci, no intuito de incluir e ultrapassar dois conceitos, o de "cultura" como "todo um processo social" e o de "ideologia", no qual um sistema de significados e valores é a expressão ou projeção de um determinado interesse de classe. Para ele a "hegemonia" vai além da "cultura", em sua insistência em relacionar "todo o processo social" com distribuições específicas de poder e influência. Dizer que os "homens" definem e modelam suas vidas só é verdade como abstração (WILLIAMS, 1979, p.111). Deixarei para dar ênfase a esse e aos outros conceitos quando for apresentar a contribuições dos autores para minha pesquisa de mestrado.

Além disso, nesse capítulo Raymond Williams destaca como essa cultura hegemônica pode se apresentar de forma alternativa na sociedade, apresentando-nos o que poderíamos chamar de *cultura alternativa*, em que qualquer processo hegemônico tem de ser visto como mais do que a simples transmissão de um domínio (inalterável). Pelo contrário, "qualquer processo hegemônico deve ser especialmente alerta e sensível às alternativas e oposição que lhe questionam ou ameaçam o domínio. A realidade do processo cultural deve, portanto, incluir sempre os esforços e contribuições daqueles que estão, de uma forma ou de outra, fora, ou nas margens, dos termos da hegemonia específica" (IDEM, p. 116).

No capítulo seguinte intitulado *Tradições, Instituições e Formações*, nos interessa destacar principalmente o conceito de *tradição seletiva*, em que Williams põe a tona uma questão fundamental aos historiadores, que é a escolha dos objetos e das fontes de estudos e dos significados que damos a eles, quando assinala que:

> O que temos de ver não é apenas "uma tradição", mas uma *tradição seletiva*: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural. [...] De toda uma possível área de passado e presente,

---

[1] Especificamente capítulo 6 "*Hegemonia*" ao capítulo 9 "*Estruturas de Sentimento*". Neste caso mesmo que não tivesse sido disponibilizado para as discussões da disciplina, e no intuito de reforçar o pensamento do autor, usarei também o texto de Williams (1989).

> numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados. [...] essa seleção é apresentada e passa habitualmente como "a tradição", "o passado significativo" (IDEM, IBIDEM, p. 118 e 119).

O penúltimo capítulo *Dominante, Residual e Emergente* vale ressaltar para dar continuidade aos conceitos de *hegemonia* e de *tradição seletiva* os conceitos de cultura emergente e residual, onde Williams apresenta-nos que mesmo havendo uma cultura dominante, outras agem de forma alternativa ou a margem dela, porém sem deixar de fazerem parte dessa cultura hegemônica. Destacarei de forma sucinta esses dois conceitos, pois trabalhárei-los com mais cuidado no subcapítulo a respeito das contribuições dos autores. Assim sendo, uma cultura residual segundo Raymond Williams seria o que "foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo, não só como um elemento do passado, mas como elemento efetivo do presente". Já a cultura emergente seria que "novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados" (IDEM, IBIDEM, p. 125 e 126).

Para finalizar a apresentação deste texto de Raymond Williams destacarei o capítulo 9 *Estruturas de Sentimento*, conceito fundamental não só para o meu trabalho, como também para os estudos ligados as subjetividades, aos sentimentos, e não apenas a algo "real", "concreto", "estrutural", uma vez que tem a intenção de observar o que está sendo realmente vivido, e não apenas aquilo que acreditamos estar sendo vivido. Desta forma, as *estruturas de sentimento* destaca Williams:

> O termo é difícil, mas "sentimento" é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de "visão de mundo" ou "ideologia". Não que tenhamos apenas de ultrapassar crenças mantidas de maneira formal e sistemática, embora tenhamos sempre de levá-las em conta, mas que estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente, e as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis (inclusive historicamente variáveis), em relação a vários aspectos, que vão assentimento formal com dissentimento privado até a interação mais nuançada entre crenças interpretadas e selecionadas, e experiências vividas e justificadas (IDEM, IBIDEM, p. 134).

Observaremos como esses conceitos são de grande importância para minha pesquisa, uma vez que contribui com questões metodológicas e de análises do meu objeto e do grupo estigmatizado que também analiso, os homossexuais. Para dar continuidade a apresentação

dos autores e seus textos, apresentarei por fim Stuart Hall e o capítulo intitulado *Codificação e Decodificação* (HALL, 2003).

Neste capítulo Stuart Hall apresenta-nos reflexões fundamentais para quem pretende estudar questões ligadas à imprensa e as representações que elas podem produzir, ou seja, a relação entre emissor/mensagem/receptor. Expõe as intenções, as formas com as quais os emissores das mensagens midiáticas, produzem por meio do discurso, opiniões e pensamentos que serão responsáveis por construir um sentido de realidade ao receptor, sendo nessa forma discursiva que a circulação do "produto" se realiza. Assinalando que "a realidade existe fora da linguagem, mas é constantemente mediada pela linguagem ou através dela: e o que nós podemos saber e dizer têm de ser produzido no discurso e através dele" (IDEM, IBIDEM, p. 370). É interessante observar que as contribuições trazidas por Hall rompem com o pensamento da imprensa como objetiva, neutra, abstrata, trazendo a tona as suas intenções, os seus interesses, alavancando assim o interesse nessas fontes antes varridas para de baixo do tapete pela história.

Da Pesquisa

De forma breve tentarei nesse tópico apresentar os objetivos e hipóteses da minha pesquisa de mestrado, assim como as minhas fontes, que no caso são objeto da minha pesquisa, para em seguida relacionar as minhas ideias com as dos autores apresentados para que possamos observar às contribuições no que diz respeito à pesquisa historiográfica e principalmente aos novos objetos e fontes históricas, no meu caso a mídia impressa.

A minha pesquisa de mestrado intitulada a princípio: *Homoerotismo e Imprensa, Cultura e Política*: transformações das representações sobre a diversidade na mídia impressa gay no Brasil (1978-2012) têm como objetivo analisar o discurso da mídia impressa gay brasileira, no que diz respeito à diversidade de identidades de gênero e de orientação afetivo-sexual, utilizando um recorte temporal marcado pela fundação do jornal *Lampião da Esquina,* em 1978 (chegando ao seu fim em 1981), passando pelo período de circulação da revista *Sui Generis* (1994-2000), até os dias de hoje, por meio da publicação da revista *Junior*, lançada em 2007 e ainda em circulação. Assim, buscarei compreender, por meio dos discursos presentes nos periódicos que abarcam as últimas três décadas e meia da história dos movimentos de afirmação homossexual no Brasil, além das transformações em relação à própria ideia de diversidade, de perceber se há um esvaziamento no que diz respeito aos discursos políticos desses mesmos periódicos (uma de minhas hipóteses), a construção de

uma padronização (normatividade) sobre a erótica homossexual que exclui a passividade (expressa pela própria presença de mulheres, travestis, transexuais, transgêneros) e reitera a virilidade (marca de masculinidade), que denominaremos *homonormatividade.*

A análise detalhada das fontes, que também figuram como objeto de estudo nesta pesquisa, torna-se necessária, assim como levantamento/ampliação de bibliografia que contribua para a realização desta pesquisa. Desta forma, analisarei o surgimento da imprensa gay no país, assim como a importância do *Lampião* para formação dessa mídia, concomitantemente, verificarei como o mesmo expressou em suas páginas representações sobre as diversidades de identidades de gênero e afetivo-sexuais, para, em seguida, proceder da mesma maneira em relação às revistas *Sui Generis* e *Junior*, colocando cada periódico em diálogo com seu tempo de produção/circulação para, finalmente, analisando os três produtos midiáticos simultaneamente, perceber quais são as transformações, avanços e recuos perceptíveis relativamente aos temas propostos.

Como pode ser observado, trabalharei com três fontes midiáticas, sendo elas o primeiro jornal feito por e para homossexuais no país a circular nacionalmente no período do declínio da ditadura militar no Brasil, o *Lampião da Esquina (*1978-1981), a revista *Sui Generis* surgida treze anos após o fim do Lampião em (1994-2000) e por fim a revista *Junior,* lançada em 2007 e ainda em circulação. Devido ao espaço não posso dar a atenção necessária a cada fonte no que diz respeito as suas descrições, porém alguns pontos devem ser levantados antes de partimos para a relação pesquisa/autores.

O jornal *Lampião da Esquina* surgiu em um período marcado pela abertura política no Brasil, apresentou-se de maneira contrária ao regime político da época, abordando as diversas formas da sexualidade e expressões de outros grupos cujo tratamento estava pautado pela desigualdade. O tratamento dado para questões das orientações afetivo-sexuais e de identidade de gênero[2] pelo jornal pauta-se nas suas mais diversas expressões, como destacado em suas páginas, usando termos como “travecos”, “sapatas”, “bichas”, “entendidos”, “viado”, etc., no sentido de retirar o pejo que tais expressões carregam, além de abordar a existência da variedade de formas de expressão e comportamento na sociedade.

[2]O conceito identidade de gênero e orientação afetivo-sexual pode ser entendido, segundo Ronaldo Costa, sucessivamente como: “a capacidade de nos relacionarmos socialmente. Essa sensação interna, para se formar adequadamente, precisa passar por muitas fases, onde entram fatores biológicos e sociais.”. “Orientação afetivo sexual, nós podemos definir como a sensação interna de que temos a capacidade para nos relacionarmos amorosa ou sexualmente com alguém. Ela é parte da identidade sexual, algo que pertence ao nosso mundo interno. Ou ao psicológico.” Cf: Costa, 1994, p, 171.

As revistas *Sui Generis* e *Junior* surgidas 13 e 26 anos após o fechamento do *Lampião da Esquina*, respectivamente, apresentam uma postura diversa daquela de seu precursor, surgindo no sentido de propagar valores de mercado e comportamento, transformando ou distanciando-se – eis nossa hipótese –, o seu discurso, e consequentemente o seu comportamento político em relação aos interesses que permeiam esses periódicos.

Desta forma, observar como os discursos são formados no seio da mídia impressa gay, do *Lampião da Esquina* à revista *Junior* e como isso repercute nas formas de comportamento do grupo em questão, transformando, possivelmente, a diferença mais uma vem em desigualdade. Compreender a trajetória e atuação dos grupos sociais que, de alguma maneira, foram colocados em situação de desvantagem se mostra tarefa relevante, não apenas sob a perspectiva acadêmica, mas compreendendo essa mesma como eivada por uma atuação política na sociedade na qual estou inserido; para além, a análise da construção de normas no seio da própria comunidade tornada abjeta, ainda está por ser feita. Não se trata de "dar voz" aos oprimidos, mas compreender as falas dos grupos sociais na polifonia própria das disputas sociais e de construção/manutenção da memória hétero e homoerótica no Brasil recente.

Por fim... Das contribuições

Após a exposição sucinta da minha pesquisa, apresentarei algumas questões colocadas pelos autores, no intuito de observar contribuições para a construção do meu texto, uma vez que a meu ver o historiador tem a obrigação de refletir sobre o seu modo de fazer teórico e metodológico. Antes é necessário destacar que o meu trabalho se assemelha com os textos apresentados em alguns sentidos, como ao campo das representações abordado de uma forma direta por Roger Chartier e de certa forma por Williams e Hall e que contribuí para uma análise do documento "além da escrita" podemos assim dizer, e, no caso de Raymond Williams em sua abordagem sobre *cultura dominante, alternativa* e de *oposição*, e que diz respeito ao grupo com o qual minha pesquisa também abrange que são os homossexuais. Para além, alguns autores que realizam pesquisas nessa área serão evocados para essa discussão.

É necessário compreender – a respeito da mídia e de outros documentos não oficiais como fonte e objeto – que houve um tempo de questionamentos na historiografia, e isso fez com que todas as grandes tradições historiográficas perdessem sua unidade, todas se fragmentassem em propostas diversas, frequentemente contraditórias, que multiplicaram os objetos, os métodos, as "histórias", assim "pelas escolhas que faz e pelas relações que

estabelece, o historiador atribui um sentido inédito às palavras que arranca do silêncio dos arquivos" (CHARTIER, 2002, p. 8-9).

Apenas para reforçar essa ideia em relação aos cuidados com esse tipo de fonte específica e a busca por métodos de análise e de observação da imprensa, Áureo Busetto ao estudar a mídia como objeto da história política, por exemplo, nos traz uma contribuição que reforça a ideia de Roger Chartier:

> [...] o mais premente procedimento da pesquisa histórica ocupada com a análise do tema mídia e política não estão relacionados com a elaboração de argumentos que legitimem o uso do material midiático como fonte, mas é justamente a busca por caminhos – ou, se preferirem, métodos – mais apropriados, desenvolvidos e férteis que tomem realmente a mídia e os seus produtos como objetos dos estudos históricos (BUSETTO, 2008, p. 9).

Tomar uma fonte como objeto, ainda mais sendo ela um meio de comunicação da imprensa, deve-se partir do pressuposto que um jornal, por exemplo, – como é o meu caso – não se constitui abstratamente, a imprensa seja qual ela for é constituída por pessoas, por interesses e representações, e que cabe ao historiador ao analisar essas fontes observar a lógica dos discursos, e tentar observar os seus interesses, mesmo que talvez isso gere outras representações. As análises dessas fontes segundo Chartier tornam-se (ou tornam-se novamente) essenciais, "já que os documentos não são mais considerados somente eles informações que fornecem, mas são também estudados em si mesmos, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas". Ou seja, devem-se levar em conta análises de fontes escritas, sejam elas midiáticas ou não "dependem das estratégias de escritura e de edição, mas também das possibilidades e imposições próprias a cada uma das formas materiais que sustentam os discursos, e das competências, das práticas e das expectativas de cada comunidade de leitores" (IDEM, IBIDEM, p. 13).

Os documentos estão abarcados por representações, ou seja, por sentidos de realidade pensada, dada, um constructo mental pode-se dizer, assim, o texto em si não apresenta uma única realidade em sua forma, e o pesquisador pode por meio de uma análise profunda observar algo que sobressaia desse documento, como destaca Chartier:

> São essas categorias de pensamento e esses princípios de escritura que se deve, portanto, fazer sobressair previamente a toda leitura "positiva" do documento. O real assume assim um novo sentido: o que é real, de fato, não

> é somente a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e na estratégia de sua escritura (IDEM, IBIDEM, p. 56).

Novamente, observamos que se torna difícil imaginarmos que haja “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo” (idem, ibidem, p. 66). Desta forma, imaginar a imprensa como objetiva, unívoca, que narra o fato como aconteceu poderia nos levar a uma falésia, pois devemos lembrar como aponta Roger Chartier, que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir) e que “não há compreensão de um escrito, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor. [...] aqueles que dizem respeito às estratégias de escritura e as intenções do autor, aqueles que resultam de uma decisão de editor ou de uma imposição de oficina” (IDEM, IBIDEM, p. 71).

Assim sendo, a imprensa é um dos veículos onde estas representações se manifestam, por meio de discursos, imagens, ideias e palavras de ordem que:

> Chegam à coletividade e dependendo do capital simbólico que carregam podem elencar formas de percepção e, por conseguinte, alterar o pensar e o agir desta coletividade. É através deste veículo (a imprensa) que as relações humanas são mediatizadas por um conjunto de representações que tem o potencial de construir o mundo social (onde o real e o imaginário estão imiscuídos) (SILVA, 2008, p. 3).

Para finalizar algumas das contribuições vindas de Chartier, e ainda no sentido das representações dos documentos e de suas formas de análises para a história, várias proposições podem ser formuladas, articulando novas maneiras de recortes sociais e as práticas culturais:

> A primeira delas espera eliminar os falsos debates engajados em torno da divisão, dada como universal, entre a objetividade das estruturas (que seria o território da história mais segura, aquela que, manipulando documentos maciços, seriais, quantificáveis, reconstrói as sociedades tal como eram verdadeiramente) e a subjetividade das representações (à qual se ligaria uma outra história, destinada aos discursos e situada à distância do real) (IDEM, IBIDEM, p. 72).

Assim não mais observar as estruturas como objetivas, unívocas, mas agora como algo mútuo, dinâmico, diverso, e que sim, apresenta subjetividades, principalmente nos interesses de quem participam de sua manutenção. Para dar continuidade ainda sobre as

representações que a mídia como ferramenta de informação pode propagar, apresentarei de forma sucinta alguns pontos colocados por Stuart Hall e que no mesmo sentido de Roger Chartier contribuem para observamos "o além do dito", para que em seguida finalize com as contribuições de Raymond Williams no qual se assemelha com o meu trabalho, como dito as culturas alternativas ou de oposição.

Stuart Hall, contribuí no sentido da análise do discurso midiático – e não só ao texto em si escrito – e de como é necessário por parte de quem os produzem manter um vínculo com quem os consumem, assim segundo ele:

> É sob a forma *discursiva* que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum "sentido" é apreendido, não pode haver "consumo" (HALL, 2003, p. 366).

Devemos tomar apenas cuidado para o que Áureo Busetto aponta no sentido da possibilidade de o historiador manter a sua pesquisa afastada da redutora e cômoda noção de que apenas a mídia influencia o público consumidor, o qual é:

> Quase sempre, tomado como passivo, pois ela centra-se na concepção de que as relações entre a mídia e o seu público não são de vetor único, isto é, somente a mídia influencia e molda o público, mas são entendidas como relações de vetor duplo, dado que os dois se influenciam mutuamente (BUSETTO, 2008, p. 18).

Esses discursos midiáticos podem criar códigos que podem ser disseminados em uma cultura ou comunidade e serem apreendidos a ponto de não parecerem construídos, mas sim como se fossem dados "naturalmente", são as representações que eles geram, fruto de interesses das pessoas que os constroem, como foi colocado por Chartier também. No caso da minha pesquisa que trabalho com a hipótese de construção de normas sobre o exercício da homossexualidade, por meio dos discursos da mídia impressa gay, observar o que é posto por Stuart Hall é fundamental. Para melhor exemplificar, ainda Hall:

> As relações de produção institucionais e sociais devem passar sob as regras discursivas da linguagem para que seu produto seja "concretizado". Isso inicia um outro momento diferenciado, no qual as regras formais do discurso e linguagem estão em dominância. Antes que essa mensagem

> possa ter um "efeito" (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma "necessidade" ou tenha um "uso", deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que "tem um efeito", influência, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas (IDEM, IBIDEM, p. 368).

Desta forma, novamente observamos e devemos levar em conta, quem nem tudo exposto, publicado, apresentado por qualquer texto midiático deve-se levar ao "pé da letra", uma vez que como visto existe uma lógica na produção de determinados discursos, seja para incentivar o consumo do mesmo, seja para estabelecer um tipo de pensamento. Ou seja, "há que se perceber também o papel da imprensa como instituição de controle social, servindo à própria estrutura de poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente" (BARBOSA, 2007, p. 17).

Por fim, Raymond Williams enfatiza a complexidade de sua concepção de hegemonia compreendia no sentido de um conjunto de significados e valores vividos como prática concreta e pautado por tensões, transformações e acomodações entre cultura dominante e o que ele denomina residuais e emergentes, assim segundo ele:

> A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de "ideologia", nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como "manipulação" ou "doutrinação". É todo um conjunto de práticas e expectativas , sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas parecem confirma-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma "cultura", mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes (WILLIAMS, 1979, p. 113).

Com essa citação podemos imaginar então o lugar que os homossexuais se encontram hoje e sempre nas sociedades, e talvez, principalmente por uma cultura dominante ter criado a imagem que quis do ser que se relaciona com o do mesmo sexo, no intuito de estabelecerem e manterem as normas e as regras sobre a sexualidade, dando um sentido de realidade naturalizante a ela. Duas questões devem ser levadas em conta nesse sentindo, primeiro que

em certos usos a tendência totalizadora do conceito, que é significativa e na verdade crucial, "é transformada numa totalização abstrata, forma em que se torna facilmente compatível com os sentidos sofisticados de superestrutura e até mesmo de ideologia. Isto é, a hegemonia pode ser considerada como mais uniforme, mais estática e mais abstrata do que na prática, se for realmente compreendida" (IDEM, IBIDEM, p. 115), segundo que "nenhum modo de produção e portanto nenhuma ordem social dominante e portanto nenhuma cultura dominante, nunca, na realidade, inclui ou esgota toda a prática humana, toda a energia humana e toda a intenção humana" (IDEM, IBIDEM, p. 128).

Nesse sentido então, existiriam a cultura residual "efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo, não só como um elemento do passado, mas como elemento efetivo do presente" e emergente, onde "novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados" (IDEM, IBIDEM, p. 125 e 126). Daí pensamos os homossexuais e os comportamentos que se mantém e que devido as mudanças nas sociedades é preciso também se modificar para que não atinja o centro, o dominante, a heterossexualidade. Essa mudança é ditada pela própria cultura dominante, mas não deixa de estar presente no próprio grupo como é uma de nossas hipóteses, assim no entendimento da cultura emergente, em distinção da cultura dominante e residual, é que ela não é nunca apenas uma questão de prática imediata. Na verdade, depende crucialmente de descobrir novas formas ou adaptações da forma (IDEM, IBIDEM, p. 129).

Ou seja, a cultura dominante trata de "ensinar" qual o caminho seguir, qual o correto, e as consequências para quem foge desse caminho, e no sentido de uma sexualidade contra a norma:

> Qualquer processo de socialização inclui, é claro, coisas que todos os seres humanos têm de apreender, mas qualquer processo específico une esse aprendizado necessário a uma variação selecionada de significados, valores e práticas, que, na intensidade mesma de sua associação com o aprendizado necessário, constitui a base real do hegemônico (IDEM, IBIDEM p. 120).

Deste modo, deve-se tomar cuidados ao que é interpretado e ao que é realmente vívido, principalmente quando se tratam de discursos de exclusão, podemos citar, por exemplo, aquilo que Williams chama de *consciência prática* e *tradução seletiva:*

> A consciência prática é aquilo que está sendo realmente vivido, e não apenas aquilo que acreditamos estar sendo vivido. Não obstante, a alternativa real às

> formas fixas recebidas e produzidas não é o silêncio: não a ausência, o inconsciente, que a cultura burguesa mitificou. É um tipo de sentimento e pensamento que é realmente social e material, mas em fazes embriônicas, antes de se tornar uma troca plenamente articulada e definida. Suas relações com o que já está articulado e definido são, então, excepcionalmente complexas (IDEM, IBIDEM, p. 133).

No caso dos homossexuais, ao nos debruçarmos sobre as trajetórias daqueles indivíduos que não se encaixaram/encaixam nas normas heteróticas da sexualidade e da identidade de gênero, que foram/são invisíveis para sociedade, ou visíveis apenas para opressões, muito pouco os visíveis "positivamente", e mesmo assim por se adequarem a formas de comportamentos que os condicionam a essa visibilidade, percebemos que:

> Em vários momentos históricos e em diferentes sociedades a lógica binária construiu culturalmente um componente negativo e outro positivo, impedindo a pluralidade de identidades, de pensamentos, de crenças. Assim, várias categorias foram sendo criadas e identificadas como o outro diferente. No sentido religioso, politico, na saúde (doente), na etnia (o de cor) ou mesmo o outro que optou ou nasceu biologicamente com um sexo considerado *inferior*; todos eles foram registrados e normatizados como loucos, deficientes, negros, índios, mulheres, homossexuais, indigentes, estrangeiros, entre tantos outros. [...] torna-se "O" inimigo que deve ser combatido, eliminado (PUGA, 2005, p. 262).

Uma *tradição seletiva* é "uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-moldado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural" (WILLIAMS, 1979, p. 113). Percebemos que mesmo estando em outro tempo, e discutindo novas questões, alguns autores intencionalmente ou não selecionam o passado e o presente que querem no intuito de criarem uma denominação para as práticas e representações:

> De toda uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados. Não obstante, dentro de uma determinada hegemonia, e como um de seus processos decisivos, essa seleção é apresentada e passa habitualmente como a "tradição", "o passado significativo". O que temos, então, a dizer sobre qualquer tradição é que nesse sentido ela é um aspecto da organização social e cultural *contemporânea*, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de *continuidade predisposta* (IDEM, IBIDEM, p. 119).

Para finalizar gostaria de expor em um diálogo com Williams dois pontos em relação ao entendimento de hegemonia. O primeiro de que o modelo teórico com o qual o autor pretende trabalhar é de que em qualquer sociedade e em qualquer período há um sistema central de práticas, significados e valores, que podemos definir propriamente como dominantes e efetivos. Isso não implica nenhum juízo de lavor sobre tal sistema. Tudo o que quer dizer é que ele é central. Em segundo que hegemonia "não é algo unívoco; que, de fato, suas próprias estruturas internas são altamente complexas, e têm de ser renovadas, recriadas e defendidas continuamente; e que do mesmo modo elas podem ser continuamente desafiadas e em certos aspectos modificados" (WILLIAMS, 1989). Deste modo, perceber os homossexuais como alternativos ou em oposição a essa cultura heterossexual dominante é algo ligado à um âmbito muito mais restrito, uma vez que há uma distinção teórica simples entre alternativo e de oposição, "quer dizer, entre alguém que encontra um modo de vida diferente e não quer ser perturbado, ou alguém que encontra um modo de vida diferente e quer mudar a sociedade a partir de sua experiência" (IDEM, IBIDEM, p. 219).

Gostaria de destacar também, como a hegemonia contribui para a invisibilidade dos seres que não a seguem, cumprindo uma dupla função como destaca Miguel Rodrigues de Sousa Neto em relação aos homossexuais:

> Ela é imposta como forma de segregação pelos setores hegemônicos da sociedade, por um lado e, por outro, ela se configura como astúcia adotada pelos sujeitos homoeroticamente inclinados para que pudessem fugir, na medida do possível, da repressão policial, uma vez que, mesmo sem uma legislação que coibisse exclusivamente a prática homoerótica, o braço armado do estado se utilizava de outros subterfúgios para persegui-los, além, claro, dos indivíduos comuns que condenavam suas práticas eróticas e seu modo de vestir, adornar-se, caminhar e falar (SOUSA NETO, 2011, p. 112).

No objetivo de apresentar minha pesquisa e alguns textos relacionados à História Cultural e que foram disponibilizados para as discussões da disciplina, tentei expor as contribuições que esses autores trazem não só para a pesquisa de mestrado, mas para todos que pretendem atuar ou conhecer esse campo do conhecimento e os seus diversos objetos e problemáticas, uma vez que entendo ser de extrema importância o diálogo com os estudos culturais, responsáveis por pensamos às complexidades que são as ações humanas,

considerando a história como um processo, e, sobretudo a imprensa na sua relação com o social. Ao mesmo tempo visualizando-a:

> Como integrante de um processo comunicacional, no qual ganha importância o conteúdo, o produtor da mensagem e a forma como o leitor entende os sinais emitidos pelos impressos. Procura destacar, também, a dimensão histórica de um mundo pleno de significados, no qual se localizam os meios de comunicação. Portanto, a dimensão interna e externa são contempladas nestas abordagens. Essas pesquisas visualizam a história a partir de um espaço social considerado, interpretando os sinais que chegam até o presente a partir das perguntas subjetivas e do olhar, igualmente subjetivo, que se pode lançar ao passado (BARBOSA, 2007, p. 13).

Assim, pensando historicamente e pressupondo contextualizar os espaços sociais numa cadeia de fatos, eventos, ocorrências, costumes, instituições que se conformam como um fluxo (antes e depois), a tarefa da história não é recuperar o passado tal como ele se deu, mas interpretá-lo. Dos sinais que chegam até o presente, cabe tentar compreender a mensagem produzida no passado dentro se suas próprias teias de significação. “São esses vestígios, que aparecem como documentos e como ato memorável (no qual está incluída a memória do próprio narrador/pesquisador)” (IDEM, p. 15).

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BUSETTO, Áureo. A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 09-23.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os 11 sexos*. São Paulo: Gente, 1994.

HALL, Stuart. *Da diáspora:* Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PUGA, Vera Lucia. Útero e Loucura: medicina e moralidade. Anos 1942-1959. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco e MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História*: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia, EDUFU, 2005.

SILVA, Fábio Ronaldo da. *A representação de homossexuais nas revistas Dom e Junior*. Campina Grande, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-fabio-representacao-dos-homossexuais.pdf>.

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo:* representações, ambigüidades e paradoxos. Tese (Doutorado em História Social), INHII, UFU, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979,

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*, São Paulo, n.65, p. 210-224, 1989.